

«Nada há novo debaixo do sol». (Eclesiastes 1:9)

Eclesiastes

Boletim Trimestral
Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual
Responsabilidade:
Igreja em Oleiros.
É gratuito.
Número 15. 04-06/2000

Palavras do Pregador... (Eclesiastes 1:1)

Novidades

Neste Número:	Neste Número:
♦ Editorial – “Eclesiastes”, 2;	♦ Página Feminina, 16;
♦ Página de Genéricos, 4;	♦ Página Científica, 17;
♦ Página Devocional, 8;	♦ Página Literária, 18;

Editorial

Eclesiastes

“*Eu, o pregador, fui rei sobre Israel, em Jerusalém...*”
(Eclesiastes 1:12).



Novidades

«*Vê, isto é novo?*»
(Eclesiastes 1:9-10)

Novidades! Novidades!

Todo o mundo corre atrás de novidades! Mas nem isto é novidade, porque sempre assim foi; sempre o mundo procurou novidades!

Os filósofos de Atenas já tinham esta fantasia de procurar novidades. Quando Paulo chegou a Atenas e é conduzido ao Areópago, lemos que todos os atenienses em geral, e em particular os eruditos filósofos estoicos e epicureus da época eram ávidos por novidades. Lemos que **«*todos os atenienses e estrangeiros residentes, de nenhuma outra coisa***

se ocupavam, senão de dizer e ouvir alguma novidade.» (Actos 17:21)

Hoje, essa ansiedade pela novidade ainda domina o quotidiano humano. Todos os dias o ser humano procura novidades, seja nos factos da vivência humana, na informação, na tecnologia, na informática, na saúde, nas artes da literatura, pintura, escultura, no comércio, na indústria, nas suas mais diversas formas, tornando-se mesmo um escravo da novidade, e formando um verdadeiro campo de batalha, na utilização das formas de descobrir novidades, fazendo desta busca uma autentica corrida onde não se olham a meios para atingir os fins. E é por este percurso que passaram todos aqueles que foram bem sucedidos na vida humana.

O grande objectivo dos intervenientes desta empresa é não serem ultrapassados pela concorrência, uma vez que a novidade é o grande motor do sucesso. E o medo de serem superados obriga-os a investir valores incalculáveis na investigação, na tecnologia, na espionagem, nos recursos humanos, para conquistarem e defenderem uma posição de dianteira – serem os vanguardista da novidade!

À semelhança dos atenienses, todo o ser humano tem este instinto de saber novidades. As massas humanas estão ávidas de coisas novas! E a

comunicação social, como os grandes divulgadores das novidades, são os que vão criando e despertando este instinto humano da curiosidade. Quando não há novidades a vida parece que se torna fastidiosa e sem sentido.

Mas, consideremos este assunto pegando nele pela sua raiz. Salomão, com a sabedoria que Deus lhe deu, escreveu:

«O que foi, isso é o que há-de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; de modo que nada há de novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados antes de nós.» (Eclesiastes 1:9-10)

Na verdade, o homem que diz encontrar coisas novas, elas não passam de factos velhos, que se repetem invariavelmente e vezes sem conta. Por vezes com uma configuração diferente, mas a sua essência é a mesma.

Este anseio incontido e insatisfeito pelas novidades só acabará com Aquele que tem a novidade absoluta e plena: o Senhor Jesus Cristo. Só no Senhor é que tomamos conhecimento das verdadeiras novidades da vida, começando com uma novidade íntima e pessoal, com *um novo nascimento* (João 3:7; Tito 3:5), que nos torna *novas criaturas* (II Cor. 5:17); nesta nova condição passando a andar num *novo caminho*, que Ele abriu com o Seu sangue (Heb. 10:19-22), e fazemos parte de uma *nova aliança*, (Heb. 8:6-13): uma aliança eterna (Heb. 13:20).

É bom pensarmos e tomarmos consciência de que o nosso Deus é o Deus das Novidades. Ele mesmo disse: **«Eis que faço novas todas as coisas.»** (Apo. 21:5). Por esse facto, aquele que está em Cristo, não padece da enfermidade do mundo, pois já vive em *novidade de vida* (Rom. 6:4), ou seja, com esta nova vida que está em Cristo, antegozando os gloriosos momentos que nos esperam *nos novos céus e na nova terra* (Apo. 22:1), onde estará a *nova cidade* (Apo. 3:12; 21:2), e quando entoaremos o *novo cântico* (Apo. 14:3).

E, para melhorarmos esta nova vivência O Senhor deixou-nos a Sua Palavra, que, como qual tesouro, podemos tirar dela **«coisas novas e velhas»** (Mateus 13:52), pois é na medida que estudarmos a Sua Palavra, e melhor O conhecermos e à Sua vontade que mais nos identificamos com a verdadeira e pura novidade, sem precisar de correr com/e como o mundo em busca de novidades. Com Cristo temos a Novidade por Excelência (Col. 3:2-3)

(E)



Para Meditar...

«Assim como a fraqueza do “homem velho” reside no conceito vão da sua própria força, assim, a fortaleza do “homem novo” reside no sentimento da sua absoluta fraqueza» (II Coríntios 12:10 – *“Quando estou fraco, então sou forte”*; e: *“Glorio-me nas minhas fraquezas...”* – Fil. 4:10).

TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

NOVA CRIAÇÃO (II COR. 5:17)

1. O novo nascimento é o seu princípio – Joa. 3:3;
2. O novo homem é o seu carácter – Col. 3:10;
3. A nova vida – o seu fruto, é a sua natureza – Gál. 5:22-23;
4. O novo cântico ocupa a sua boca – Sal. 40:3;
5. O novo nome é a sua identificação familiar – Apo. 2:17;
6. O novo caminho é a base do seu andar – Heb. 10:19-22;
7. A nova cidade é a sua esperança – Apo. 21:2.

“Orações Decisivas:”

1. Pedro: «Salva-me Senhor!» - Mateus 14:30;
2. Davi: «Sonda-me, ó Deus!» - Salmo 139:23;
3. Moisés: «Rogo-te que me mostres a Tua glória!» - Êxodo 33:18;
4. Sanção: «Senhor, dá-me força!» - Juizes 16:28;
5. Isaías: «Senhor, envia-me a mim!» - Isaías 6:8;
6. Paulo: «Senhor, que queres que eu faça?» - Actos 22:10.
7. E tu? Qual é a oração que te falta fazer?

ILUSTRAÇÃO

Vidas...

Antes de encontrarem a vida vitoriosa, os discípulos estavam à mercê das circunstâncias. Mais tarde foram donos das circunstâncias. Aprenderam a moldar a vida; não a deixar-se moldar por ela.

Há três espécies de cristãos: os de remo, os da vela, e os de motor.

O tipo de «remo» é o humanista, que depende só de si mesmo, que trata de bater-se com as circunstâncias com os seus próprios recursos. Porém, como esses recursos são escassos, o seu progresso é muito lento ou nulo.

O tipo de “vela” estão à mercê dos ventos. São pessoas que dependem das circunstâncias e das pessoas. Se os ventos lhes são favoráveis, tudo corre bem! Porém, se as coisas lhes correm ao contrário, se detêm. Não são cristãos em quem se possa confiar.

E temos os cristãos de tipo «motor». Estes são os que possuem um poder interior e andam sempre, mesmo que os ventos das circunstâncias sejam contrários. É verdade que anda mais rápido e melhor se os ventos são favoráveis; mas em quaisquer das circunstâncias, andam sempre. Estão preparados interiormente. Estes não dependem de si mesmos, nem das circunstâncias, mas dependem de Cristo. São cristão em quem se pode confiar sempre.

Staney Jones

Sermões Breves

Aparências!

“Quais tenham sido noutro tempo, não se me dá; Deus não aceita a aparência do homem...”

(Gálatas 2:6)

Trabalhar a imagem exterior, para dar uma boa aparência, é uma das maiores preocupações dos líderes da actualidade. Os políticos tem gabinetes especializados na produção e transmissão da melhor imagem das suas políticas e dos seus líderes. O Jet set da sociedade, com objectivos diferentes, se empenham a dar a melhor imagem, em troca de uma simples apreciação lisonjeira.

Infelizmente, este mal tem chegado às igrejas, nas pessoas dos seus líderes. Cada vez mais estas são mais as imagens dos líderes que a imagem de Deus. E, se essa imagem não é transmitida e aceite, o rebanho é que sofre, como se eles tivessem domínio sobre o Rebanho de Deus: a Sua Igreja (o grupo dos crentes); ou como se ela lhes pertencesse! (1 Pedro 5:3).

A Igreja como “Corpo” é a imagem d’ Aquele que o criou (Col. 3:10), e é essa a imagem que deve ser formada nela.

Quanto aos líderes, o seu ministério não depende da sua aparência, nem do que foram outrora: na vida cristã não podemos viver de rendimentos, mas Deus sustenta-nos com o pão nosso (espiritual) de cada dia! À semelhança do manã (Exo. 16:1-10): o pão de ontem não aproveita para hoje, nem o de hoje aproveita para amanhã: todos os dias temos de fazer a sua recolha e participar do seu sustento.

Como é que estás a trabalhar a tua imagem? É a imagem de Deus!

Alerta...!

«Tem cuidado de ti mesmo...» (1

Tim. 4:16)

«Os filhos da minha mãe me puseram por guardas de vinhas; a vinha que me pertence não a guardei eu...» (CCS 1:6).

Todos nós temos coisas para guardar: dons, uma propriedade, um objectivo, valores pessoais, espirituais, eclesiais... em suma, uma vinha que devemos guardar e desenvolver. Adão teve um jardim; Noé, uma arca; alguns foram reinos, e outros simples dracmas. Outros terão um rebanho, uma igreja, um lar, uma vocação. Timóteo teve de guardar uma doutrina. E todos têm de guardar o seu coração (Prov. 4:23). E tudo isto porque são coisas sujeitas a inúmeros ataques do inimigo que está empenhado em destruir a nossa vida e o Plano de Deus para ela.

Mas, acima de tudo, temos de cuidar de nós mesmos. E é esta sensibilidade, a capacidade de discernimento para, sem descorarmos as demais responsabilidades, saber-mo-nos preparar para toda e qualquer situação que surja e para a qual sejamos solicitados a resolver.

Lamentavelmente, muitos líderes não têm tido sucesso a cuidar das coisas de Deus porque não têm tido cuidado de si mesmos; cuidam das outras vinhas, mas descoram a sua. E, se o crente não estiver preparado em si mesmo, pouco

poderá fazer pela obra de Deus. Já O Senhor tinha dito: **«olhai por vós mesmos»** (Lucas 17:3).

Como é que tu te tens cuidado? Como está a santidade na tua vida? Como está a tua integridade? Como vai a tua vida de oração? Como está o teu conhecimento da Palavra de Deus?

Que possas dizer de ti: **«como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo...»** (I Cor. 6:4).

“Tolos com o Sono...!”

«E, tornando em si...» (Lucas 15:17)

Esta foi a atitude do filho pródigo, depois de muito tempo vivido longe da casa do pai, desterrado e condenado a uma vida de calamidade, miséria, de exploração humana e social, entregue ao abandono de si mesmo, ao recurso de uma vida identificada com a imundície de um trabalho precário e imundo.

Esta expressão parece transmitir a ideia de que ele, durante todo aquele tempo, estava como que adormecido, fora de si, inconsciente, vivendo sem sentido ou orientação de vida. À semelhança do mundo: **«na vaidade do seu sentido... entenebrecidos no entendimento...»** (Efésios 5:17)

Isto é o que o mundo faz na vida do crente, quando ele deixa a comunhão com Deus: adormece-nos! Faz-nos perder os sentidos, ao ponto de cairmos da “janela” da vida espiritual, mesmo em pleno culto, como Eutico, de Troas (Actos 20:9).

É deplorante observar a quantidade de crentes que vivem desta maneira: como que “fora de si”! É altura de despertarem do seu estado. É imperioso que cada cristão que fez profissão de fé no Senhor Jesus Cristo acorde da sua condição precária da vida e se lembre das delícias da casa do Pai, vivendo a vida abundante que Ele providenciou para nós. O único lugar onde

podemos ter alguém que nos compreenda e nos faça felizes é na casa do Pai.

«Desperta tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te esclarecerá...» (Efésios 5:14).

- Evangelismo -

As questões que se repetem...

«Que fizeste?» (Gén. 3:13)

«Que fizeste?» (Joa. 18:35)

Uma mesma pergunta foi feita a duas pessoas que são cabeças de raças distintas: uma natural e outra espiritual. Uma ao primeiro Adão, e outra ao segundo Adão (I Cor. 15:45). Ambos estão a ser julgados: o primeiro pelo que fez, e não devia ter feito, e outro por aquilo que não fez, e mesmo assim, a pagar como se o tivesse feito.

A pergunta ao primeiro, foi por ter cometido pecado; ao segundo por ter sido feito pecado por nós!

O primeiro cometeu o pecado e com ele arrastou toda a sua descendência para a destruição, ruína e morte; o Segundo realizou a obra da nossa salvação e leva consigo todos aqueles que n' Ele confiam para a eternidade.

«Disse-lhes Pilatos: Que farei então de Jesus, chamado Cristo?» (Mat. 27:22)

E tu, que vais fazer?

- DIVERSOS -

Reinício do reinício

Se o irmão começou uma boa obra e parou, comece de novo, comece outra vez. Não fique parado, apenas lamentando o facto e se recriminando por isso.

Se o irmão começou a ler a Bíblia com regularidade e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a orar mais intensamente e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a separar parte do seu rendimento para colaborar nas necessidades do Reino de Deus e aliviar o sofrimento, alheio e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a evangelizar parentes e amigos e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a disciplinar seu génio explosivo e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a amar as pessoas difíceis e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a combater a ansiedade e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a abster-se das relações sexuais ilícitas e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a privar-se das bebidas alcoólicas e parou, comece outra vez. Se o irmão começou a livrar-se das drogas e parou, comece outra vez. Se

começou a relacionar-se melhor com seu cônjuge e filhos e parou, comece outra vez.

Não é bom parar uma boa acção gerada e encorajada pelo próprio Deus, logo no início, ou no meio, ou na recta final. Mas isso acontece tanto com o irmão como com todo o mundo. Importa voltar e praticar as obras que se praticavam no principio, como Jesus explicou ao anjo da Igreja de Éfeso (Apo. 2:5).

Os judeus que voltaram do exílio começaram com muita diligência a reconstruir o templo de Jerusalém (Esd. 3:8). Pouco tempo depois a obra cessou por causa da oposição dos inimigos e por causa da escassez de ânimo (Esd. 4:24). Graças a Deus, porém, pelo encorajamento dado por Ageu e Zacarias, que fez com que os exilados voltassem ao trabalho (Idem, 5:2).

Não importa o número de reinícios. Mesmo que cheguem a setenta vezes sete (Mat. 18:21-22). O importante é que o irmão reinicie o reinício sempre que necessário! Deus o abençoe!

«Porque sete vezes cairá o justo, e se levantará...» (Pro. 24:16). E Paulo dizia: *«Esquecendo-me das coisas que para trás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus.»* (Fil. 3:14-15).



O Renovo

«Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um RENOVO frutificará. E repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR.» (Isaías 11:1-2)

O RENOVO fala-nos de uma nova ordem! Relativamente à sua essência, o Renovo é o início de uma nova vida. Mas também está implicado uma nova ordem social, política, moral e espiritual.

Quando as Escrituras Sagradas falam do Renovo, refere-se ao Senhor Jesus Cristo, como Aquele que restaurou a condição humana nos seus diversos planos, como seja, no plano político (governo), no plano ministerial (serviço), no plano social (humanitário) e no plano espiritual (relação com Deus).

O acontecimento que ilustra bem este atributo e qualidade do nosso Senhor é o episódio do florescimento da Vara de Aarão, descrita em números 17:8. Uma vara simples, separada do seu tronco, da sua seiva e da sua raiz. Estava seca pelo tempo e pelo uso, mas, mesmo assim, ela floresceu, deu flor e deu fruto.

A vara estava seca e morta. No entanto, quando ela foi colocada na presença de Deus, Ele a fez renascer. Este florescimento representa a vida que O Senhor repôs ao projecto de Deus para o homem. É o ressurgimento de uma nova vida, resultante de um novo relacionamento do homem com Deus.

Esta regeneração, segundo o profeta Isaías, só poderia ser realizada por Aquele cujo nome é O RENOVO: o Senhor Jesus Cristo. No entanto, esse processo passava pela Sua morte e ressurreição, como ele mesmo disse: *«foi subindo como renovo...»* (Isa. 53:2). Por essa mesma razão é que estes atributos do Senhor foram invocados pelos líderes de Israel para o acusarem e crucificarem... mas, foi dessa forma e neste mesmo momento que foram confirmados os propósitos do Renovo.

Nas ocorrências da figura do Renovo, encontramos-la relacionada com quatro aspectos da vocação terrena do Senhor Jesus Cristo: O Rei, o Servo, o Varão e de Senhor; também pode ser, o Rei, o Sacerdote, o Profeta e o Senhor. E é nesses aspectos que a revelação do Senhor é feita e manifestada, relativamente ao cumprimento da Profecia, que consistem no propósito de Deus para o mundo.

O facto de serem apresentadas estas quatro figuras, e sempre correlacionadas, sugere alguns apontamentos significativos, seja do ponto de vista doutrinário como devocional. Doutrinário, porque apresenta O Senhor no Seu ministério para o mundo, e daí o número quatro. (* O número 4 está relacionado com a terra: quatro pontos cardinais, quatro cantos da terra, etc.). Devocional, porque O Senhor nessa qualidade apresenta-se como a forma renovada de um perfeito relacionamento com Deus. E é certo que cada aspecto doutrinário da mensagem de Deus tem sempre um cunho devocional, ou prático, porque é essa a forma visível de a expressar.

Vejamos os textos da revelação, expressão e cumprimento dos vários aspectos do Renovo:

O Renovo Rei

«Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e agirá sabiamente, e praticará o juízo e a justiça na terra.» (Jeremias 23:5; ver 33:15)

Pilatos, inconsciente, faz cumprir esta profecia, quando diz à multidão: «Eis aqui o vosso Rei.» (Joa. 19:14).

O **Evangelho de Mateus** (1:1) é o que melhor descreve este aspecto do ministério do Senhor e a Sua realza.

Com esta função do Senhor, encontramos nas Escrituras a figura do **Leão** (Apo. 5:5). Ele é o **Rei dos reis** e o Senhor dos Senhores. Em sua mão está o **ceptro** (Salmo 45:6), e encontra-se **assentado no seu Trono da Sua Glória** (Mateus 25:31; Hebreus 1:8). Por essa razão, este aspecto do ministério do Senhor, como Rei, leva-nos até **Davi**, cujo trono estava desocupado e sem sucessão. O Senhor é Aquele que renovou o governo de Deus na Terra, a começar por Israel. O Senhor é Aquele que restaurou o trono de Davi, uma vez que aqueles que o ocuparam falharam. Havia necessidade do Trono ser, não só ocupado, mas renovado, onde cujo ocupante fosse diferente, vencedor e, por isso, NOVO.

Do ponto de vista do seu povo, cabe-nos o temor do Senhor.

Diria, ainda, que a descrição pormenorizada do Senhor nesta qualidade é **Apocalipse 1 e 19-20**, que recomendamos a sua leitura.

O ponto cardinal que se relaciona com este evento e o **Este**, o nascer do Sol, como o próprio Senhor o afirmou, relativamente à Sua vinda (Mateus 24:27).

O Renovo Servo

«Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que eu farei vir o meu servo, o **RENOVO**.» (Zacarias 3:8 – ver Isaías 53:2)

O Texto Sagrado tem o seu cumprimento em Mateus 12:18, como aplicação de uma profecia de Isaías, que diz: «Eis aqui o meu Servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz...».

Esta qualidade do Senhor é desenvolvida com pormenor pelo Evangelho de Marcos (6:3), onde inúmeras vezes vemos a ocorrência do termo “logo”, que indica a prontidão do Senhor para obedecer ao Pai.

A figura relacionada com este aspecto do ministério do Senhor é o do **Bezerro**, e que muitas vezes encontramos na revelação do Antigo Concerto. Isaías 53 faz notória esta condição do Senhor que, «**como ovelha muda**» suportou a rejeição do homem, e em particular do seu povo terreno.

Nesta condição, encontramos na sua mão uma **bacia com água** e uma toalha (Joa. 13), como exemplo para os seus discípulos; e o lugar que ele ocupa, como clímax da sua obediência, é a **crux**. O seu ministério, como Servo, está relacionado com a sua função de **Sacerdote**, agora segundo a ordem de Melquisedeque (Sal. 110; Hebreus 7).

Esta figura de Servo conduz-nos até Êxodo, à **libertação de Israel do Egipto**, e à sua comissão para ser o representante de Deus na terra. Do Egipto o Senhor libertou o seu povo para que o servisse (Exo. 4:23; 7:16; 8:1, 20). No entanto, Israel falhou no seu ministério, degradando-se progressivamente até terminar na deportação para a Babilónia.

O Senhor Jesus Cristo veio apresentar-se como o Servo de Deus por excelência, renovado.

Do pondo de vista do povo de Deus, e olhando para o Senhor nesta qualidade, cabe-nos uma atitude de **obediência**, imitando o exemplo do Servo de Deus.

A descrição pormenorizada do Senhor nesta qualidade é **Isaías 53**, como acima o referimos.

O ponto cardinal que se relaciona com este evento do Senhor é o **Sul**, que está relacionado com Salvação (João 4:22 – O Senhor falava apontando para o sul!)

O Renovo Varão Perfeito

«E fala-lhe, dizendo: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é RENOVO; ele brotará do seu lugar, e edificará o templo do SENHOR.» (Zacarias 6:12)

É novamente Pilatos que, ignorando a situação e o contexto das suas palavras e atitude que atesta o cumprimento deste aspecto do ministério do Senhor Jesus Cristo, quando diz: *«Eis aqui o homem.»* (Joa. 19:5). E o Senhor não era um homem qualquer, mas O HOMEM. O homem perfeito, o homem completo, o verdadeiro homem. O Senhor é o Homem renovado, restaurado e condicionado à nova ordem humana, como expressão fidedigna de Deus: a verdadeira imagem de Deus, numa perspectiva humana.

O Evangelho que melhor se relaciona com esta faceta do senhor é o **Evangelho de Lucas** (9:22). E, se a genealogia de Mateus leva o Senhor até Davi e até Abraão, como forma de indicar o cumprimento das promessas feitas por Deus a eles, o Evangelho de Lucas levamos à genealogia do Senhor até **Adão**, sendo cada um deles a ponta dessa linha. O primeiro falhou, como homem; o segundo venceu e restaurou a raça humana

à condição inicial de Homem de Deus. Já o Evangelho de Marcos não descreve qualquer genealogia, uma vez que é suposto que os servos não tenham família, sucessão ou hereditariedade.

Na mão do Senhor podemos imaginar uma **vara**. E o lugar que o Senhor ocupa é a **Praça**, onde o Senhor desenvolve o seu **ministério de profeta** e mensageiro da Vontade de Deus.

Como povo de Deus, e olhando o Senhor neste sentido, importa-nos olhá-lo como exemplo digno de **ser seguido**, como é “O Amado de Deus”.

A passagem bíblica que melhor descreve O Senhor como Homem perfeito é Cantares de Salomão 5:10-16, de cuja descrição se retira uma conclusão singular: *«Ele é totalmente desejável.»*

O ponto cardinal para onde este aspecto do Senhor nos faz olhar é o **Poente** (Isa. 59:19; Mal. 1:11).

O Renovo Senhor

«Naquele dia o Renovo do SENHOR será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel.» (Isaías 4:2)

João, o evangelista, confirma esta qualidade do Senhor quando escreve: *«Este é o verdadeiro Deus...»* (I Joa. 5:20). Na verdade o Senhor é o Renovo Deus, uma vez que restaura ao homem a verdadeira imagem de Deus e restaura ao homem o verdadeiro relacionamento com Deus que estava perdido desde Adão.

No entanto, esta qualidade do Senhor leva-nos à **eternidade**, ao concerto eterno de Deus Triuno, celebrado antes da fundação do mundo (Zac. 6:13; Heb. 13:20).

É o **Evangelho de João** que melhor descreve o Senhor neste aspecto Divino (Joa. 1:49). E, na apresentação do Senhor,

observamos que não é referida qualquer genealogia da família do Senhor, porque é suposto que Ele, como divino, não tem princípio de dias, ou fim de tempo: é eterno (Hebreus 7). E a figura que está relacionada com o Seu ministério é a **Águia** (Exo. 19:4), que domina os céus, e é uma figura do nosso Senhor que está acima de todas as coisas, as observa e as domina.

Na mão do Senhor, podemos descortinar as recompensas ou **os galardões** para o Seu povo. E o lugar que Ele ocupa é o Trono da Glória: **o Trono do Pai** (Apo. 3:21), que é diferente do Trono da Sua glória, que estabelecerá na terra e reinará sobre ela como Messias, o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Nesta qualidade, a nós, seu povo, resta-nos **adorá-lo** como nosso Senhor e nosso Deus (Joa. 20:28).

A descrição que apresente bem o Senhor neste aspecto do seu ministério é **Hebreus 1**, cujo texto também recomendamos a leitura.

Por sua vez, esta faceta do Senhor nos faz olhar o **Norte**, onde se encontra o Trono de Deus (Isa. 14:13).

Estes quatro aspectos do ministério do Senhor ocorrem frequentemente e correlacionados. Seja na profecia, seja com figuras e símbolos, ou mesmo em manifestações concretas. E tudo aponta para a restauração da condição humana, nos «tempos de regeneração», chamados também de «tempos de refrigério», (Mateus 19:28; Act. 3:19-20), que correspondem ao período Milenial, onde o Senhor fará «novas todas as coisas», restaurando-as e renovando-as.

Uma das figuras representativas do ministério do Senhor como Renovo, e que estão identificados com a glória do Senhor são os querubins. Os querubins tinham este aspecto, uma vez que eram os protectores da glória de Deus, no seu

relacionamento com o Plano terreno. Encontrámo-los no Jardim do Éden, no Tabernáculo, no Templo em Jerusalém, nas visões da glória de Deus, nos lugares celestiais. Eram figuras que apontavam para o seu Criador e Senhor: O Senhor Jesus Cristo, e para o Seu ministério terreno.

No plano devocional:

O que poderá implicar de nós uma revelação destas, do próprio Deus?

Estas quatro figuras, do ponto de vista devocional, falam-nos de serviço (servo), comunhão (varão), governo (rei) e adoração (Deus)

Quando o Senhor deu instruções para a organização do acampamento de Israel, diz o Texto Sagrado que as doze tribos estavam compostas em quatro grupos de três tribos, sendo a primeira delas a líder: Judá – Rubem – Dã – Efraim. Cada um destes grupos estava acampado no sentidos dos quatro pontos cardinais, e virados para o tabernáculo, congregados segundo a sua bandeira, que era a sua identificação. Diz-se que o estandarte de cada grupo era, pela sua ordem, um leão, um varão, um bezerro, e uma águia (Números 4).

Sendo estas figuras uma representação que apontava para o Messias, podemos dizer que, na qualidade de povo de Deus, devemos nos acampar, agrupar ou reunir de forma ordenada no grupo a que pertencemos – a igreja local. Depois, devemos saber nos identificar com a nossa bandeira: O Senhor Jesus Cristo.

Estes aspectos são imprescindíveis para nós, uma vez que se assiste a uma crise generalizada de identificação e de vocação do povo de Deus. Os crentes têm-se “perdido” na situação deste mundo, ao nível pessoal (identificação), e ao nível programático (localização). É o “ser” e o “estar” do crente no mundo.

Por vezes vemos os crentes perdidos em grupos e em relacionamentos que nada têm a ver com eles: estão congregados fora do seu lugar; outras vezes, vemo-los içando bandeiras, reclamando identificações que não são as suas. São batalhas perdidas; causas injustificadas!

Ainda podemos acrescentar que, estando o crente identificado ao RENOVO, essa sua nova situação concedeu-lhe uma nova vida e uma nova vocação. Essa situação é nova e diferente. Nada tem mais a ver com o passado, com o velho homem, com o «outro tempo», como muitas vezes encontramos referência nas Epístolas de Paulo. Por esse facto é que temos exortações como:

«De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne.» (Rom. 8:12); e,

«De sorte que fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.» (Rom. 6:4); e, ainda,

«Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.» (Gál. 2:20).

Que achemos sempre graça diante de Deus, para conhecer melhor o RENOVO, e saibamos viver mais para Ele, em novidade de vida.

O Senhor quer ser o RENOVO da nossa identificação pessoal e local no mundo.

SRC



Pesos e medidas justas!

«Mas estes que se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento.» (II Cor. 10:12)

Na generalidade dos casos, a nossa forma de ver as coisas é bem diferente da realidade divina. Há coisas que nos parece ser o que não são, e há coisas que não são o que parecem ser, mas são o que são de facto. E nesse sentido disse um amigo de Job: **«Porventura alcançarás os caminhos de Deus? Ou chegarás à perfeição do Todo-Poderoso? (...) Mais cumprida é a sua medida do que a terra, e mais larga que o mar!»** (11:9).

No meio desta complexidade toda, que muito se tem dito e escrito, o problema agrava-se mais porque queremos entender as coisas em função da nossa medida: quando, na realidade do nosso padrão nem sempre é o mais correcto, e padece de muitos vícios, face às nossas limitações humanas e espirituais. E, enquanto insistirmos em olhar as coisas em função de nós mesmos, só revelamos a nossa própria ignorância delas.

Já dizia Moisés: **«ensina-nos a contar** (medir) **os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sábios»** (Salmo 90:12).

O homem natural gosta de se valorizar, auto-valorizar! E gosta que o valorizem. O primeiro é egoísmo; este é egocentrismo. E este homem natural é o mesmo que existe em todos nós, mesmo naqueles crentes que são mais espirituais.

Mas, felizmente, temos um Deus que não olha a aparência das coisas, nem julga segunda a aparência delas (Gálatas 2:6), nem atende àqueles que outrora foram alguma coisa. O valor que Deus dá é ao que somos no presente, pois promessas – ou as muitas palavras de boca – Deus não aprecia. E nós, na mesma linha, não devemos julgar segundo a aparência (João 7:24).

Mas este conceito próprio diminui logo que tomamos consciência da grandeza da obra de Deus. E é isso que nos falta: visão da obra de Deus. Podemos arranjar muitas justificações e desculpas; mas, se nos valorizamos, só estamos a revelar falta de humildade e visão da obra de Deus.

Isso foi o que aconteceu com Davi, que escreveu: **«Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?»** (Salmo 8:3-4).

Falta-nos, ainda, a visão do próprio Deus, porque, quando olhamos a obra de Deus, ainda nos restam algumas palavras: palavras de louvor; mas quando temos uma visão pessoal da majestade e da glória de Deus, até as palavras nos faltam. Como o Apóstolo Paulo escreveu:

«Para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus». (Rom. 3:19).

Diante do próprio Deus não há palavras! Diante de Deus o nosso melhor discurso é o silêncio: o silêncio da contemplação, o silêncio do reconhecimento da nossa fraqueza, o silêncio da nossa adoração.

E temos alguns exemplos disso nas Escrituras: O Apóstolo Paulo, antes chamado Saulo, cujo significado é «grande», era alguém que se orgulhava na sua carne, nos cursos, posição social,

na sua cidadania Romana, na sua família judaica, e em muito mais (Fil. 3:3-7). No entanto, depois que viu o Senhor, o conceito que tinha de si próprio mudou radicalmente, inclusivamente o nome, pois passou a chamar-se de «Paulo», i.e., **“pequeno”**. Diz de si que é o principal dos pecadores (I Tim. 1:15), o mínimo dos santos (Efé. 3:8), e o menor dos apóstolos (I Cor. 15:9). O mesmo se diga de João, de Pedro, de Moisés, entre muitos outros. Lembro, por fim, as palavras de Job, depois de ter visto o Senhor, que disse: **«Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza.»** (42:5-6).

Tomara que a nossa visão, o nosso conceito acerca do Senhor fosse mais nítido, autêntico, real, pois por certo que seríamos crentes bem diferentes: melhores crentes... mais crentes!

Deus tudo quanto faz, fá-lo com medida: e as suas medidas são rigorosas. Fez a criação por medida (Job 28:25; 38:5; Isaías 40:12); fez os seres humanos por medida (a medida de um homem – Apo. 21:17); fez o tabernáculo e o templo do V. T. por medida (Exo. 26:2; I Reis 7:9-23); só permite o pecado do homem até certa medida (Mateus 23:32; I Tes. 2:16); por fim, julgará o homem por medida (Jeremias 30:11; Oseias 10:10).

Por esse facto, O Senhor espera de nós uma correspondência devocional em função da sua medida.

A medida do cristão não são os outros crentes, e muito menos nós. É verdade que devemos ser crentes recomendáveis, mas nem por isso nos tornamos na medida exacta para alguém. A nossa medida é o Senhor Jesus Cristo. Paulo escreve aos Efésios e diz-lhes:

«Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem

perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.» (Efé. 4:13).

Este capítulo 4 de Efésios é o capítulo das medidas; é o gabinete da engenharia da obra de Deus. Fala da **“medida do dom de Cristo”** (4:7), da **“medida da estatura completa de Cristo”** (4:13), e da **“medida da obra de cada um”** (4:16). Romanos 12, ainda relacionado com este assunto, fala da **“medida da fé”** (12:3).

Muitos problemas têm-se levantado no seio das igrejas por que queremos medir a vida cristã em função de conceitos, normas, regras, costumes, e outros valores, com alguma importância, é certo, mas que colidem com a liberdade da graça de Deus. Foi com esse problema com que Paulo se debateu em Colossos, quando disse:

«Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: Não toques, não proves, não manuseies? As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens; As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne.» (Col. 2:20-23)

Isto é aquilo a que chamo: **“a tirania da graça”**, que não passa das práticas da lei, com o revestimento da “capa da graça”! Era essa forma de vida que os crentes da Galácia queriam adoptar. Mas, Lei e Graça colidem. Por isso, não podemos criar orientações de vida, manuais espirituais, um tipo de “cultura evangélica”, por muito boa que seja, para impor aos crentes como padrão de vida. Esse foi o mal que os fariseus caíram com as suas tradições, e anulavam o mandamento de Deus com elas (Mateus 15:6). O espírito da graça consiste num tipo de vida que nunca é imposto, mas posto à disposição.

A medida da vida do crente é CRISTO. E não é só para alguns! É para todos os crentes.

Josué, certa vez, dirige-se a Moisés, preocupado, e diz-lhe que viu alguns do povo a profetizar, perguntando-lhe se queria que ele os proibisse. Mas, Moisés respondeu, sabiamente: **«Oxalá que todo o povo do Senhor fosse profeta...»** (Núm. 11:26-29).

Viver abaixo deste padrão é ser um sub-cristão. Pois o Apóstolo diz: **«Até que todos cheguemos...»**, e depois: **«para que não sejamos mais meninos...»** (versículo 15). De forma que a Igreja do Senhor deve ser composta por crentes maduros, e não por crianças; deve ser um «Areópago», de sábios e entendidos da vontade de Deus, e não uma creche ou infantário, sendo uns poucos os educadores e assistentes sociais, e o maior número bebês em Cristo! (I Cor. 3:1).

“A Medida do Dom...”

«Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo.» (Efé. 4:7)

O desenvolvimento do Corpo de Cristo, a sua Igreja, depende dos dons que o Senhor lhe distribuiu. Esses dons são dados por medida: ou seja, esta medida parece referir-se ao tipo de dom dado à Igreja: apóstolo, uma medida; profetas, uma medida; evangelistas, outra medida; e pastores doutores, outra medida (vers. 11). E o objectivo dos dons é descrito no seguimento do texto: **«querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo...»** (12). Este é o propósito dos dons, e não outro.

No entanto, e mesmo a operação de cada um desses dons, depende da medida da graça que Deus distribui a cada membro, em função do dom que lhe foi atribuído. Deus dá a graça a cada um segundo essa mesma medida. De forma que, se o

Corpo não cresce, e é menino, o defeito é dos dons, porque não dependem da graça de Deus para o desempenho do seu ministério. Por isso é que Paulo dizia: **«Porque eu sou o menor dos apóstolos... Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos os outros; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo.»** (I Cor. 15:9-10)

“A medida da fé...”

«Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação (medida), conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um.» (Rom. 12:3).

Ou seja, a fé neste contexto, que também é o contexto dos dons, corresponde à capacidade de entendimento da operação de cada dom, no seu enquadramento doutrinário ou dispensacional. A fé é o conhecimento doutrinário da verdade da Palavra de Deus, e nós devemos exercer o dom em função desse conhecimento. Por isso diz ele mais adiante: **«De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela (exercida) segundo a medida da fé...»** (Rom. 12:6), ou seja, os dons exercidos devem respeitar a fé, corpo de doutrina, na medida do dom que nos foi distribuído. E este aspecto doutrinário na função activa do crente na Igreja é tão importante, que o Apóstolo Paulo diz a Timóteo o seguinte: **«Os diáconos (os que servem com dons, sejam reconhecidos) se guardarem o Mistério da Fé (corpo de doutrina), numa consciência pura; e, também estes sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis...»** (I Tim. 3:8-10). E há muitos dons que antes de produzirem **«Edificação (gr. Dispensação) de Deus, que consiste na fé** (nesta fé, corpo de doutrina), **produzem questões e**

desacatos...» (I Tim. 1:3-4), por não exercitarem o seu dom segundo a medida da fé (objectiva – a doutrina), mas andam sem orientação. Por outro lado, essa questão torna-se mais importante porque o exercício desse dom corresponde ao andar do crente na Igreja (I Tim. 3:15). Nós não nos podemos desassociar do dom que temos, pois dele depende o nosso contributo para o crescimento do Corpo, como é em função do dom que temos que estaremos, ou não, a andar bem na casa de Deus.

De forma que, não só a **medida do dom** de cada crente é importante na edificação do Corpo de Cristo (e aqui temos o lado divino), como é importante a **medida da fé**, o conhecimento adequado da verdade de Deus para exercitar o dom que temos em prol da edificação do Corpo de Cristo, e ele cresça à medida de Deus e para a medida de Deus.

“Cresça à medida de Deus...”

O crescimento do Corpo de Cristo também é feito segundo uma medida. E é a conjugação de todos estes elementos, numa correcta combinação e ajustamento de cada parte (dom), ou seja, cooperação nas medidas adequadas e correctas de cada membro, que o “Corpo” cresce e toma forma. É a isso que se refere o texto de Efésios 4:16, que diz:

«Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa (lit. gr. “medida correcta”) operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor.» (Efésios 4:16).

De modo que, Deus tem uma medida para todo o Crente: Cristo; Tem, também, uma medida de dom, para cada crente efectuar a

sua operação no Corpo de Cristo. Para esse efeito, Deus disponibiliza a graça necessária para que cada crente desempenhe o seu dom com êxito e eficiência. Mas, também, o exercício do dom deve depender da medida da fé, da capacidade de operação de cada dom neste Corpo, que consiste no conhecimento adequado da doutrina do "Corpo de Cristo" para o exercício desse dom. Por fim, a operação de cada dom deve ser conjugado com outros dons, no Corpo, por medida. Não deve ser um exercício à deriva. Não devemos fazer mais do que devemos fazer, nem na forma como nos apetece fazer: mas na justa operação, ou seja, operando na medida adequada. E, nesta justa combinação da operação de cada dom é que o Corpo cresce.

Por isso, cuidado com as nossas medidas: medidas para medir os crentes... medidas para medir os dons... medidas para medir o desempenho dos dons... medidas para aferir os ministérios de cada um... medidas para medir o crescimento do Corpo... para não cairmos no pecado de medirmos as coisas espirituais com medidas humanas e carnis!

Não queiramos medir-nos a nós próprios: deixemos que seja O Senhor a medir-nos pela sua Palavra. Por isso, **«nada julgueis antes do tempo...»** (I Cor. 4:5).

Também nesta área Deus escolheu as coisas mais fracas do corpo para fazer as maiores obras!

A grandeza da soberania de Deus passa por Ele chamar e salvar as coisas vis e fracas deste mundo, para confundir as fortes e as

que aparentemente são alguma coisa, como está descrito em I Cor. 1:22-25 - **«Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são...».**

Mas, esta grande verdade da soberania de Deus aplica-se também na Sua obra e no Seu Corpo, pois também diz: **«Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários; E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra. Porque os que em nós são mais nobres não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela; Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros»** (I Cor. 12:22-25).

Face a isto que Deus diz, quem somos nós para nos medirmos a nós mesmos, pensando que nós é que somos os bons? Pensando que, só o que nós fazemos é que está certo? Ou presumindo que os demais crentes devem andar segundo a nossa bitola? E julgando os demais crentes pelo que eles são, pelo que fazem, ou pelo que crêem?

«Porém não nos gloriaremos fora da medida, mas conforme a recta medida que Deus nos deu...» (II Cor. 10:13).

vpp

Às Nossas Irmãs...

Júnias...

Uma Novidade na Pessoa e
no Ministério.

«Saudai a Andrónico e a Júnias, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo.»

(Romanos 16:7)

Júnias. Este nome é um diminutivo de Juniana. O seu significado é *moça jovem*.

O facto desta crente constar nas páginas das Escrituras Sagradas é sugestiva, já que há um propósito específico do Espírito Santo em referi-la num grupo de gente “ilustre” na obra de Deus. Certamente que Paulo teve muitos mais crentes que podia lembrar e saudar; teve, também, mais alguns parentes que o acompanharam e com ele colaboraram; teve, ainda, muitos mais crentes que estiveram presos com ele, por amor ao Evangelho; e outros mais que foram distintos na obra, e dignos de serem recomendados; ou até, outros que foram antes dele na fé, e que podia evocar; mas, o Senhor fez questão que fizesse parte deste rol uma irmã nova, e de nome Júnias.

Esta irmã é um exemplo digno de registo por razões sem conta. O facto de ela ser uma irmã; também por ser jovem; e, ainda, por ter um nome latino; mais ainda porque soube escolher as companhias, como Paulo e todos **«aqueles que com**

um coração puro invocam o nome do Senhor» (I Tim. 2:22), à semelhança do que já acontecera a Timóteo. Enquanto que haviam moças preocupadas com a sua vida terrena: pessoal e social, inseguras com o seu futuro, ansiosas com a procura de cursos, emprego, namorados, ao ponto de chegarem a *ser paroleiras, andando de casa em casa a cochichar da vida alheia* (I Tim. 5:11-15), a Júnias estava empenhada com o progresso da obra de Deus, com uma vida inteiramente entregue à causa celestial.

Não era a idade que contava. Podiam dizer que ela era neófita ou inexperiente (I Tim. 3:6). Nem a incomodava o facto de ser mulher. Não estava à espera de arranjar um marido que amasse ao Senhor para o servir na obra. Não estava à espera de outras irmãs para seguir o Senhor. Ela, simplesmente, fora uma das primeiras (antes de Paulo na fé), ou seja, estava na linha da frente, no tempo e na qualidade espiritual, e disposta aos maiores sacrifícios (prisão).

Júnias, *moça jovem*, dava uma certa dinâmica renovada ao grupo com quem colaborava na obra de Deus. No entanto, não sabemos se ela já tinha uma idade adulta, pois os “anos não perdoam”; mas, mesmo que fosse uma mulher madura, nem por isso lhe mudaram o nome. Não: ela conservava-se sempre Júnias, sempre nova, porque conservava o seu espírito jovem na obra do Senhor, renovando-se de dia a dia (II Cor. 4:16).

Por haverem Júnias na igreja do primeiro século é que o seu número se multiplicava, e os crentes cresciam. Talvez por que cada vez são menos as Júnias nos nossos dias é que a igreja está diferente, na sua prática e na sua expressão testemunhal no mundo.

Júnias é um exemplo sempre novo, e digno de ser imitado. Que a irmã seja uma Júnias, sempre pronta a dar um contributo juvenil, dinâmico, alegre à obra de Deus.

Júnias, também uma novidade nos nossos dias.

JMM

A Circuncisão e a Ciência

As Escrituras Sagradas, não obstante não ser um livro de ciência, tem as maiores, as melhores e as mais extraordinárias revelações científicas. Ainda assim, não sendo um livro de medicina, cultura, história, matemática, astronomia, biologia, e de muitos outros ramos de ciência, encontra-se, em cada uma dessas áreas, numa posição vanguardista: sempre na linha da frente!

Hoje nos propomos abordar um detalhe ligado às ciências médicas, pegando como base a figura da circuncisão, que servia de sinal do Pacto Abraâmico:

Assim, um dos mais interessantes detalhes médicos na Bíblia é encontrado nas instruções específicas a respeito do processo de circuncisão de cada criança do sexo masculino, que era administrado aos oito dias de vida, como um sinal da obediência à Aliança de Deus. Abraão recebeu ordens específicas para que **“o filho de oito dias, pois, será circuncidado; todo o macho nas vossas gerações...”** (Gênesis 17.12).

Por milhares de anos, judeus piedosos têm cumprido fielmente essa determinação. Por que Deus ordenaria a Moisés que dissesse aos israelitas que deveriam circuncidar os meninos no oitavo dia de vida e não em qualquer outro dia? Os árabes, por exemplo, circuncidam os meninos no décimo terceiro aniversário. Cientistas médicos têm examinado os processos biológicos que lideram o processo de coagulação do sangue. A rápida cicatrização de ferimentos começa com a coagulação do sangue. Qualquer ferimento que continuasse a sangrar, especialmente numa sociedade primitiva, proporcionaria tremendas possibilidades para infecções. Recentemente, os cientistas descobriram que dois factores específicos em nosso sangue estão intimamente relacionados com a capacidade que o sangue terá de coagular segura e rapidamente, facilitando a cura e a resistência às infecções. Descobriu-se que esses dois diferentes factores de coagulação, é a vitamina K e a protrombina, que têm os seus níveis mais elevados (110%) no oitavo dia de vida. Além disso, descobriu-se também que o factor coagulante, a vitamina K, é formado no sangue de um bebé entre o quinto e o sétimo dia de vida. Portanto, de todos os dias de vida de uma pessoa, o oitavo dia seria o mais indicado para uma cirurgia, devido aos altos níveis de vitamina K e protrombina, que coagulam o sangue e facilitam a cicatrização de qualquer ferimento. Como Moisés poderia saber que o oitavo dia era o melhor momento para fazer uma cirurgia nos meninos israelitas, a menos que Deus o tivesse inspirado a escrever esse mandamento?

“Primeiro Amor...”

In Inglês: «First Love»

Autor: Bob Hartman

Grupo Musical: «Petra»

LP: “On Fire”

Quando eu sinto que vou seguir o caminho errado
Quando eu sinto o mundo seduzir minha mente
Eu sei qual o rumo a seguir, pois isto é só a tentação
Se eu confessar minhas fraquezas, Tu cumprirás tuas promessas
Meu coração então te dou, e meu primeiro amor.

**Amor, Primeiro Amor, anseio só por Ti;
Amor, Primeiro Amor, eu quero ser-te sempre fiel.
Porque tu me amaste a mim, Jesus.
Tu sempre serás..., tu serás meu primeiro amor.**

Não é fácil para mim entender este amor;
Amor que nunca muda, é um amor sem fim,
Que sempre me perdoa, se sacrifica;
Amor grandioso, deleito-me em ti, meu primeiro amor.

Se alguma vez for tentado, lembro-me que em ti estou seguro.
Que tu me proteges com teu amor.
Quando eu vacilar, segura-me nos teus braços,
Leva-me para o meu primeiro amor...

O Grande Mistério...

**"Grande é este mistério;
digo-o, porém, a respeito de
Cristo e da Igreja..."**

(Efésios 5:32).

O Novo Homem

INTRODUÇÃO:

Deus nos permita especular um pouco, se bem que, com toda a reverência: Deus é espírito e, como tal, fisicamente informe e invisível (I Tim. 6:15-16).

Na eternidade passada, antes que alguém ou alguma coisa existisse, Deus Triuno reuniu-se em conselho para elaborar um projecto – O Eterno Propósito – cuja base assentava num propósito pessoal e secreto, o qual, consistia na formação de um corpo onde pudesse habitar (Efe. 3:11).

Tentando perscrutar um pouco mais a mente de Deus, apercebemo-nos que, de facto, esse corpo foi idealizado, e que seria formado por Ele mesmo, e à sua imagem (Col. 3:10; Efe. 3:10-11; II Cor. 4:4). Esta iniciativa de Deus teve lugar, repetimos, antes da fundação do mundo (Efe. 1:4-5, 9-10; 3:11).

A primeira reprodução dessa ideia foi Adão. Este foi criado à imagem de Deus (Gen. 1:26-27; Rom. 5:14; Tia. 3:9). No entanto, o pecado trouxe a morte, que veio deteriorar a imagem divina, restando ao homem, simplesmente, uma pequena semelhança de Deus. Cristo, a verdadeira imagem de Deus,

como Homem Perfeito - sem pecado, era, por sua vez, à semelhança do homem (Rom. 8:3).

Outra demonstração dessa imagem, agora em sentido figurado, foi a relação entre Israel e o mundo. O propósito de Deus era levantar e privilegiar esta nação, constituindo-a como a cabeça das nações. Por isso, Israel, como povo, foi chamado de "o varão de Deus" e o "seu filho" (Exo. 4:22), ou seja, numa perspectiva tipológica, pois a realidade é "O Novo Homem" (Col. 2:17). Israel, mesmo assim, e como tal, seria a morada de Deus.

No entanto, este varão escolhido por Deus era tido como de *menor de idade*, facto que o obrigava a ter um aio que o educasse até à maioridade (Gal. 4:1-9). O nome desse aio era "Lei" (Idem, 3:21-29).

O Senhor Jesus Cristo foi a mais autêntica revelação de Deus. A sua vinda teve um duplo aspecto: a representação fiel da raça humana e a redenção da mesma humanidade. Na primeira perspectiva, o Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Homem, como expressão exacta (do ponto de vista humano) da imagem de Deus: "*Deus nunca foi visto por alguém... o Filho unigénito que está no seio do Pai esse o fez conhecer*" (Joa. 1:18). Cristo foi a revelação d' Ele (II Cor. 4:4; Col. 1:15; Heb. 1:3).

A Igreja "Corpo de Cristo" é outra manifestação da imagem de Deus, também chamada de "Novo Homem" (Efe. 2:15; 3:9; Col. 3:10-11), sendo cada crente um membro em particular e o Senhor Jesus Cristo a Cabeça desse corpo (Col.1:18).

A Escritura Sagrada, em relação à Igreja como a imagem de Deus, ensina o seguinte:

- (1) Os crentes foram predestinados para serem conformes esta imagem (Rom. 8:29);
- (2) Os crentes foram salvos para reflectirem essa imagem (I Cor. 11:7);
- (3) Os crentes como salvos devem reflectir essa imagem (II Cor. 3:18);
- (4) Os crentes no arrebatamento tomarão a forma dessa imagem (I Cor. 15:49; Fil. 3:21).

O propósito que Deus tem para a Igreja, em Cristo, é apelidado de "Novo Homem" para contrastar com os "Homens" anteriores, que foram feitos à imagem de Deus, mas com algumas limitações, como a seguir apontarei: **(a)** Não como Adão, que agora reflecte a velha natureza, que é o pecado; **(b)** não como Israel que, ainda menino, precisava da Lei para ser instruído; **(c)** não como Cristo segundo a carne (como Messias), numa perspectiva messiânica e humana, sob um programa profético para o mundo, pois, *"ainda que tenhamos conhecido a Cristo segundo a carne, contudo já não o conhecemos desse modo... assim que, se alguém está em Cristo é uma nova criação, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo"* (II Cor. 5:16-17). Agora devemos conhecer a Cristo *"segundo a revelação do Mistério..."* (Rom. 16:25-26), ou seja, Cristo glorificado, como O Cabeça da Igreja.

A Igreja "Corpo de Cristo" é o Novo Homem, não pela idade, pois ele já existe desde a eternidade, mas porque é diferente de todos os outros anteriores. No entanto, não deixa de ser um homem novo, visto a sua revelação ser recente.

Cristo é a plenitude de Deus (Col. 2:10); a Igreja é a plenitude de Cristo (Efe. 1:23), que por sua vez deve ser cheia da plenitude de Deus (Efe. 3:19). Quem sondará a dimensão de toda esta sabedoria? que considerações fazer?

"Para que, agora, pela Igreja, seja conhecida a multiforme sabedoria de Deus..." (Efe. 3:10), e, *"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus..."*, ou ainda, *"Ao único Deus Sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre, amém."* (Rom. 11:33-26; 16:27).

(Este artigo faz parte de um estudo mais amplo, que transcrevemos aqui só o "Capítulo VI – A Revelação do Novo Homem").

A REVELAÇÃO DO NOVO HOMEM

1. Paulo e a Revelação do Novo Homem

Já em estudos anteriores vimos como a Revelação de Deus para a Sua Igreja foi um "Mistério", um segredo nunca revelado, mas desvendado num tempo determinado (I Tm. 2:4; Tit. 1:1-3); a glorificação do Senhor Jesus Cristo. Podemos dizer que o conteúdo deste mistério é o "Novo Homem" idealizado por Deus. Homem esse que Deus está a formar, não na terra, mas nos lugares celestiais, identificando todo aquele que crê na Palavra da Verdade com Cristo, baptizando-o n' Ele, formando esse corpo espiritual (Efé. 1:13-14).

Tal como Deus chamou a Moisés e lhe deu a revelação da Lei para Israel, e assim como Deus chamou a Pedro e o comissionou com a revelação do Reino, também chamou a Paulo e o dotou com o apostolado desta Dispensação e o comissionou com esta revelação do "Novo Homem" (II Cor. 12:1,7; Efé. 3:3; Gál. 1:12; 2:2; Act. 26:15-16). Esta revelação foi progressiva, à medida que Israel ia rejeitando o Programa do Reino. Houve um princípio: a conversão de Paulo. Depois assistimos a um período de transição dispensacional (Actos 9 a 28). A revelação era do "Varão Perfeito" (Efé. 4:12-13). Nesta fase da revelação, que ainda não estava completa, ia-se conhecendo em parte; depois que a revelação foi concluída (com as Epístolas de Paulo), passaram a conhecê-lo na totalmente (I Cor. 13:8-12). A Paulo foi confiada esta mensagem (Gal.2:7; Efé. 3:1-3, 6-9; Col. 1:23,25; I Tm. 2:6-7; II Tm. 1:8-11; Tit. 1:1-3), como ele escreve: **"Enquanto for apóstolo dos gentios glorificarei o meu ministério..."** (Rom. 15:13).

Por vezes ouvimos dizer que no V.T. já havia referências desta revelação. Isso não é verdade, senão o "Novo Homem" deixaria de

ser mistério. São figuras que poderão ter uma aplicação ao N. H., ou a outro programa de Deus, como seja a Israel no Reino Milenial.

No entanto, nem por isso as demais Escrituras devem ser rejeitadas. **“Tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito”** (Rom. 15:4), sendo susceptível a uma aplicação figurativa (I Cor. 10:11); por isso é que, **“toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa...”** (II Tim. 3:16). Não devemos é confundir o ensino que fala de nós com aquele que é proveitoso para nós. **“Não desprezeis as profecias. Examinai tudo, retende o bem”** (I Tes. 5:20-21).

Por vezes critica-se alguns crentes, e o próprio apóstolo Paulo por ele se referir ao “Evangelho da Graça” como “o meu Evangelho”. Mas não lemos de qualquer crítica ao facto da Lei divina para Israel ser chamada de “Lei de Moisés”. Na verdade, a Moisés foi confiada a revelação da Lei para Israel, como a Paulo a revelação da Graça. E ambos são chamados de apóstolos (Rom. 1:1; Heb. 3:1-2).

2. O Novo Homem e os Demais Apóstolos

“Revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas...” (Efé. 3:3).

Este texto tem sido usado por muitos ensinadores da Bíblia para dizer que Paulo não foi o único que recebeu o apostolado do “Mistério”, e que não teve a exclusividade dessa revelação.

No entanto, não podemos ignorar o facto de que a vocação do apostolado dos doze estava direccionado para a Nação de Israel, em cumprimento do programa de Deus para o Reino, em cumprimento das Profecia – o Programa Profético.

Também não podemos desconhecer o facto de Deus ter dado dons à Igreja, cujo ministério coincidia com os dons messiânicos, nomeadamente apóstolos e profetas. E estes, os profetas, não são os profetas do chamado

Velho Testamento, mas os profetas da Igreja “Corpo de Cristo” (Rom. 12; I Cor. 12; Efé 4). E foi a esses que a revelação do “Mistério” foi revelado.

Segundo o texto de Efésios 3 a forma como os demais “apóstolos da Graça” receberam a revelação deste segredo foi diferente da que Paulo teve; “àqueles através do Espírito Santo e a Paulo directamente pelo Senhor, (I Cor. 11:23; 15:1; I Tes. 4:15), por revelação, (Gál. 1:12; Efé. 3:1-3). Paulo pôs, como sábio arquitecto, o fundamento (I Cor. 3:10), e ninguém pode pôr outro fundamento. O apóstolo dos gentios chega mesmo a declarar uma maldição aos que pregam outro evangelho (Gál. 1), e avisa: “se alguém destruir este corpo, Deus o destruirá” (I Cor. 3); “desejando, mesmo, que os tais fossem cortados” (Gál. 5:12).

Relativamente aos doze apóstolos, podemos afirmar, ainda, que, sendo a sua vocação messiânica, e estando eles preparados pelo Senhor para o Reino e para a sua mensagem (Act. 1:1-3), eles ignoravam a existência desta revelação celestial (Gál.2:1-9). Paulo teve necessidade de ir a Jerusalém para lhes dar a conhecer este Evangelho, ou seja, o que Deus estava a fazer entre os gentios, salvando-os pela graça, sem qualquer intervenção cerimonial ou religiosa, como era a circuncisão, baptismos, sacrifícios e outros ritos relacionados com os rudimentos messiânicos.

Paulo, quando sobe a Jerusalém, diz: “eles nada me comunicaram” (Gál. 2:6-8), ou seja, eu poderia pensar que eles tivessem algum aviso do Senhor acerca desta minha revelação, mas nada sabiam de novo: nada me disseram de novo. E certamente que se referia a esta revelação que o fez subir a Jerusalém, vindo aqueles a reconhecerem que ele tinha sido constituído por Deus para esta mensagem. Mais tarde Pedro escrevia que Deus tinha mudado definitivamente de programa, suspendendo a sua vinda por algum tempo por causa da sua longanidade (II Ped. 3:15-16), falando agora de outra verdade que está em curso (1:12; 3:15-16).

Estou certo que os doze apóstolos, depois que o Programa Profético ficou suspenso, e Israel como nação fora posta de parte, colaboraram com Paulo no Programa do Mistério, e com os demais apóstolos da graça, mas aprenderam deles os respectivos ensinamentos: não foram os instrumentos dessa doutrina. Nem podemos dizer que eles passaram a fazer parte da Igreja "Corpo de Cristo", pois eles fazem parte integrante do Programa do Reino e estarão nele, assentados em doze tronos, julgando as tribos de Israel. Mas colaboraram no "Corpo de Cristo", pois não poderiam insistir numa mensagem que Deus suspendeu de vigorar. Isto pode assustar o leitor, mas temos que ser sinceros com a revelação das Escrituras e coerentes com a vocação de todos eles. E, se tiver dúvidas do que está a ler, estude o ministério de cada apostolado e compreenderá a sua aplicação.

Com certeza que Deus irá reatar o programa profético, pois "os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento" (Rom. 11). Entretanto, enquanto isso não acontecer (com o arrebatamento), estamos no "Dia da Graça" (II Cor. 6).

3. O Mistério do Novo Homem, Hoje

A revelação do Novo Homem e a sua propagação foi sempre muito difícil.

Já vimos o que Deus tinha revelado fazer neste programa e o que permanecia no culto: a grande vitória sobre **Satanás**. Por isso ele é o principal inimigo para a propagação do mesmo. Diversas vezes Paulo diz: "Satanás me impediu" (Rom. 1:13; I Tes. 2:18), e, "não ignoramos os seus ardis" (II Co. 2:11), e: "não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra as hostes espirituais da maldade" (Efé. 6:12).

Foi pela cruz que Deus pisou a cabeça da serpente (Col. 2:15, c/ Gen.3:15, c/ Rom. 16:20). A oposição de Satanás visa destruir os propósitos de Deus, mas Ele venceu-o pela "cruz".

Outro dos obstáculos é a nossa **carne**; o desejo de fazermos qualquer coisa para

satisfazer o nosso orgulho: a procura de méritos (Gál. 6:12-15); Paulo diz: "Não me glorio na carne" (Fil. 3), e há coisas que tem a aparência de piedade mas são para a satisfação da carne (Col. 2:23), como sejam os ritos judaicos. Paulo diz ainda: "a ninguém conhecemos segundo a carne" (II Cor. 5:16). Por isso não andamos segundo a carne mas segundo o Espírito; segundo o ministério do Espírito (Gál. 5:16-18; II Cor. 3:8). "Andar no Espírito" é andar segundo a revelação do Espírito: a Palavra de Deus, ou mais especificamente, segundo o plano de Deus para nós hoje: "se sois guiados pelo Espírito não estais debaixo da Lei" (Gál 5:18). Na cruz crucificamos a carne com as suas concupiscências... e estamos livres da Lei... (Gál. 5:23-24; 2:19-21).

Outro inimigo do Novo Homem é o **mundo**. Como está escrito: "Ninguém vos faça presa sua... andando segundo os rudimentos do mundo" (Col. 2:8; Gál. 4:3). Os nossos passos eram segundo o mundo (Efé. 2:2), mas agora fomos libertados (Gál. 1:4). No entanto, o mundo ainda quer reclamar as nossas vidas, tentando destruir nossa fé; isso porque, pela cruz, Deus condenou o seu sistema (Gál. 6:14). Agora temos que "lutar contra os principados e potestades deste mundo" (Efé. 6:12). Para vencer o mundo, Deus nos deu normas (Tit. 2:12), aconselhando-nos a não nos conformarmos com ele (Rom. 12:1-2), nem o amando (Tia. 4:4-5; I Joa. 2:15-17). Por outro lado é triste lermos: "Demais amou o mundo" (II Tim. 4).

Com isto vemos que o Novo Homem tem inimigos declarados, porque a sua revelação veio mostrar o engano daqueles, acusando-os e condenando-os. Dai que, a formação do Novo Homem não tenha sido fácil, desde o seu início, mesmo entre os crentes. O preço que Paulo teve que pagar pelo seu apostolado foi bastante elevado (II Cor. 11; Efé. 3:1; Col. 4:3; Fil. 1); "é o resto das aflições de Cristo" (Col. 1:24), ou seja, aquilo que Cristo sofreria se estivesse em nosso lugar, e que são só até ao momento do juízo de Deus sobre o mundo (II Tes. 1:6-8).

Algumas Igrejas tiveram dificuldade em aceitar o apostolado de Paulo (II Cor. 13:2-3); outras, depois de o reconhecerem foram influenciadas por diversos ensinamentos a abandonar a doutrina da graça (Col. 2:8-9, 18, 22-23; I Tim. 1:3; Gál. 1:3). As epístolas de Paulo são uma consequência desses problemas.

Parece surpreendente mas, as Igrejas, mesmo antes da morte do apóstolo Paulo, já haviam abandonado a verdade da sua revelação. Poucos sustentavam este ensino. No fim da sua carreira dizia: "todos me abandonaram" (II Tim. 4). A Igreja logo degenerou, vindo a cair no cáus que é hoje a igreja Católica Romana: totalmente despida do ensino da graça de Deus. Hoje a cristandade continua a degenerar, desintegrando-se nas denominações.

A resposta para todas estas dificuldades é o irreconhecimento da revelação da Graça para os gentios, como distinta da revelação do Reino para Israel. Tal irreconhecimento conduz a uma mistura de verdades bíblicas, do reino com as da graça, induzindo os crentes a um erro insolucionável.

E como atrás dissemos, se é verdade que os doze apóstolos, que estavam vocacionados para o Reino Messiânico, colaboraram no ministério da Graça, o mesmo não se pode dizer da generalidade das igrejas do primeiro século. Muitas delas, e os seus líderes, nunca deixaram as doutrinas que antes vigorava, e tinham sido ensinados, como até a continuaram a proclamar. Por outro lado, muitas igrejas que tinham nascido com o ensino da graça, haviam degenerado e aceitado aquele ensino messiânico, agora caducado. E muitos desses ensinamentos ainda são hoje praticados.

Resta-nos agradecer a Deus porque tais verdades vão sendo descobertas nas linhas da Palavra de Deus por homens que Ele levanta:

homens que estudam a sua Palavra, nomeadamente:

- Lutero, que restaura a verdade da salvação pela graça.

- Scofield, J. N. Darby e outros que descobrem a verdade do arrebatamento para a Igreja, como distinta da vinda do Senhor para reinar, se bem que, ainda com alguma confusão à mistura.

- C. H. Stam e outros, que mais recentemente têm nos ajudado a conhecer, pelas suas obras, as grandes verdades da Dispensação da Graça de Deus.

A par desta evolução positiva continua a degradação generalizada da cristandade até à vinda do Senhor (II Tim. 4:34; 3:1-9; I Tim. 4)

O Senhor nos ajude a conhecer melhor este "Novo Homem", para vivermos vidas mais identificadas com a sua vocação e propósito, pois assim andaremos mais à imagem de Deus.

vpp

Colaboradores:

OOV, CB e outros.

© **Copyrights:** Não há. Os artigos não assinados são da autoria da redacção (E). Reprodução é permitida, desde que seja citada a fonte.

Todos os artigos são da responsabilidade da "Igreja" que se reúne em Oleiros.

Redactor:

Vítor Pereira do Paço
Correspondência a enviar para:

Eclesi'Astes

Apartado 135

4501 Anta ESPINHO Codex

Procure-nos na Internet:

www.eclesiastes.pt

Net-endereço:

eclesiastes@eclesiastes.pt